

Imunes a ataques, Bolsonaro e Lula reforçam personalismo

Cenário de polarização em que candidatos à Presidência têm dimensões maiores do que seus partidos preocupa especialistas



Envolto por admiradores e capazes de magnetizar multidões, os concorrentes pelo PL (foto à esquerda) e pelo PT (foto à direita) transformaram o pleito num plebiscito

MARCELO GONZATTO
marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

O resultado do primeiro turno da disputa pela Presidência da República consolidou a divisão do eleitorado brasileiro em torno de dois nomes com apelo eleitoral tão forte que se mostram mais relevantes do que seus próprios partidos, imunes a ataques e capazes de esmagar tentativas de construir uma terceira candidatura de peso no país.

A concentração do embate político nas figuras de Jair Bolsonaro (PL) e de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) resgata uma tradição personalista da política nacional, reflete o crescimento de uma nova direita no mundo e indica que os concorrentes ao Palácio da Planalto também se fortalecem pela rejeição de setores da sociedade ao adversário – um cenário que desperta preocupação entre especialistas em relação ao futuro da democracia no Brasil.

Ainda no começo da corrida eleitoral havia dúvida se uma terceira via teria potencial de romper a polarização entre bolsonaristas e lulistas. As sondagens de opinião dos últimos meses e o resultado das urnas demonstraram que a força dos dois principais representantes da direita e da esquerda esfacelou qualquer possibilidade de candidatura intermediária. Todos os outros concorrentes, somados,

alcançaram apenas 8% dos votos válidos – com a terceira colocada, Simone Tebet (MDB), quase 40 pontos percentuais atrás de Bolsonaro e a mais de 44 pontos de Lula.

– Isso indica que o sistema partidário está implodindo no Brasil. O centro democrático praticamente não existe, e o PSDB foi reduzido a um partido nânico – analisa a coordenadora do programa de pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em SP, Maria do Socorro Sousa Braga.

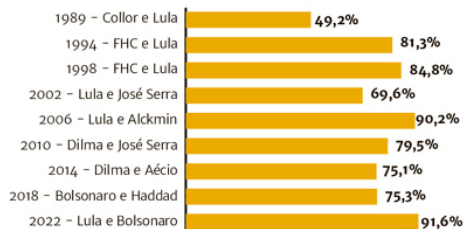
Na avaliação da cientista política, os candidatos do PL e do PT assumiram uma dimensão maior do que a das próprias siglas que representam:

– Uma das razões para isso é que cada um desses dois candidatos passou a representar uma visão de país, um projeto político. De um lado, Lula tentando voltar a uma democracia liberal com redução das desigualdades sociais e defesa do Estado de direito, e Bolsonaro com uma postura mais conservadora, até reacionária em certa medida, baseada em uma agenda religiosa e comportamental e com uma noção mais limitada da democracia, majoritária, de cima para baixo.

Professor da pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com atuação em public choice (que analisa a política sob o ponto de vista econômico), Giacomo Bal-

Concentração recorde

A soma de votos válidos entre os dois primeiros colocados nas eleições presidenciais de primeiro turno em 2022 foi a mais alta nas disputas desde a redemocratização



Fonte: TSE

binotto Neto lamenta que o debate esteja muito centrado na figura pessoal dos dois candidatos e não em propostas concretas, mas não acredita em limitação democrática sob Bolsonaro.

– Se houvesse risco real à democracia, veríamos isso por meio da saída de capital e de investidores do país, o que não ocorre. Ao mesmo tempo, o Brasil está com um pé para ingressar na OCDE (*Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico*), que prevê o respeito a regras democráticas – argumenta.

O historiador e professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Daniel Aarão Reis

entende que a personalização é um traço recorrente na história política brasileira, por meio de nomes como Getúlio Vargas, Leonel Brizola, Adhemar de Barros ou Carlos Lacerda, mas não exclusivo do país. Outras nações registram casos semelhantes, a exemplo de Juan Perón, na Argentina, ou Lázaro Cárdenas, no México.

– Temos algo no Brasil, não importa se de direita ou esquerda, que é uma herança do sebastianismo, em relação ao rei de Portugal que foi para as Cruzadas e nunca voltou, ficando a esperança de que reencarnaria e salvaria Portugal de suas mazelas. É uma característica

da América Latina, que vê os políticos como anjos vingadores que vão nos salvar – complementa o doutor em sociologia e professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Attila Barbosa.

Nos últimos anos, esse fenômeno ganhou fôlego com a ascensão global de uma nova direita em locais como Estados Unidos, Rússia, Índia e países europeus, muitas vezes associada a grupos religiosos de caráter fundamentalista. No Brasil, enquanto Lula já era um líder consolidado à esquerda, essa nova conjuntura fortaleceu o surgimento de um nome equivalente à direita.

– Vivemos uma revolução digital que vem desestruturando a vida de todo mundo nos níveis econômico, social, cultural. Vivemos na sociedade da insegurança. Isso leva à busca por lideranças salvadoras que prometem resolver os problemas – interpreta Reis.

O especialista sustenta que nem toda personalização é forçosamente ruim no âmbito político, mas traz riscos.

– Tem um lado inevitável nesse fenômeno, que não é necessariamente negativo. Ao se encarnar uma série de propostas e referências em algumas pessoas, isso simplifica a luta política. Mas há um outro lado, ruim, alienante, quando as pessoas se agarram aos líderes como salvadores da pátria e deixam de pensar a política – diz Reis.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Eleições 2022 **Página:** 14 e 15